

Ele escolheu a traição. Ela escolhe a vingança.

ASCENSÃO da RAINHA

REBECCA ROSS



Galera

A
ASCENSÃO
da
RAINHA

REBECCA ROSS

Tradução de
Regiane Winarski

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

•—————> } PRÓLOGO { <—————•

Verão de 1559
Província de Angelique, reino de Valenia

A Casa Magnalia era o tipo de estabelecimento onde apenas garotas ricas e talentosas iam estudar para dominar sua paixão. Não era um lugar para crianças carentes, filhas ilegítimas e muito menos para garotas que desafiavam reis. É claro que, por acaso, sou todas essas três coisas.

Eu tinha 10 anos quando meu avô me levou pela primeira vez a Magnalia. Além de ser o dia mais quente do verão, uma tarde de nuvens pesadas e pavios curtos, foi o dia em que decidi fazer a pergunta que me assombrava desde que fui colocada no orfanato.

— Vovô, quem é meu pai?

Ele estava sentado no banco à minha frente, com os olhos cansados por conta do calor, até que minha pergunta o sobressaltou. Era um homem decente, mas muito discreto. Por causa disso, eu acreditava que tinha vergonha de mim, a filha ilegítima de sua amada e falecida filha.

Porém, naquele dia abafado, estava preso comigo numa carruagem, e eu havia elaborado uma pergunta que ele precisaria responder. Olhou para meu rosto expectante, franzindo a testa como se eu tivesse pedido a ele que arrancasse a lua do céu.

— Seu pai não é um homem respeitável, Brienna.

— Ele tem nome? — insisti.

O tempo quente me deixava ousada, ao mesmo tempo que derrubava os mais velhos, como o vovô. Estava confiante de que finalmente iria me contar de quem eu descendia.

— Todos os homens têm, não? — retrucou, ficando mal-humorado.

Estávamos viajando naquele calor havia dois dias.

Observei enquanto se atrapalhava para retirar o lenço do bolso e secar o suor da testa enrugada, que era pintada como a casca de um ovo. Tinha o rosto ruborizado, o nariz exagerado e uma coroa de cabelos brancos. Diziam que minha mãe era linda, e que eu era seu reflexo, mas não conseguia imaginar que uma pessoa feia como o vovô pudesse gerar algo bonito.

— Ah, Brienna, criança, por que precisa me perguntar sobre ele? — suspirou, desanimando-se um pouco. — Vamos falar do que está por vir, de Magnalia.

Engoli a decepção, que ficou entalada na garganta como uma bola de gude, e decidi que não queria falar sobre Magnalia.

A carruagem fez uma curva antes que eu pudesse exibir minha teimosia, e as rodas passaram das trilhas irregulares para um caminho de pedra mais uniforme. Olhei pelas janelas sujas de poeira. Meu coração acelerou com a visão, e cheguei mais perto, com os dedos abertos sobre o vidro.

Admirei primeiro as árvores, com seus longos galhos arqueados sobre o caminho, como braços abertos. Cavalos pastavam tranquilamente no gramado, com o pelo umedecido de suor sob o sol de verão. Na distância, além do pasto, ficavam as montanhas azuis de Valenia, a espinha dorsal do nosso reino. Era uma paisagem que aliviava minha decepção; uma terra para se cultivar milagres e coragem.

Seguimos em frente, por baixo dos galhos de carvalho colina acima, e finalmente paramos em um pátio. Através da névoa, olhei para as pedras cinzentas e extravagantes, para as janelas reluzentes e para a hera que escalava as paredes da Casa Magnalia.

— Agora escute, Brienna — disse vovô, apressando-se em guardar o lenço. — Você precisa se comportar excepcionalmente bem. Como se fosse conhecer o rei Phillipe. Precisa sorrir e fazer reverências, e não dizer nada que não seja apropriado. Consegue fazer isso pelo vovô?

Assenti, perdendo a voz de repente.

— Muito bem. Vamos rezar para que a Viúva a aceite.

O cocheiro abriu a porta, e vovô sinalizou para que eu desembarcasse antes dele. Saí da carruagem com as pernas

trêmulas, e me senti pequena quando inclinei a cabeça para trás e contemplei a propriedade grandiosa.

— Conversarei com a Viúva primeiro, em particular, e, depois, você irá conhecê-la — instruiu, puxando-me pela escada até a porta da frente. — Lembre-se de que tem de ser educada. Este é um lugar para garotas cultas.

Ele examinou minha aparência enquanto tocava a campainha. Meu vestido azul-marinho estava amassado da viagem, as tranças se soltavam e o cabelo em volta do rosto estava desgrenhado. Contudo, a porta se abriu antes que meu avô pudesse comentar sobre meu estado de descuido. Adentramos Magnalia lado a lado, atravessando as sombras azuis do saguão.

Enquanto meu avô era recebido no escritório da Viúva, aguardei no corredor. O mordomo me ofereceu um lugar em um banco acolchoado junto à parede, onde esperei sozinha, balançando os pés nervosamente enquanto encarava o piso quadriculado preto e branco. Era uma casa silenciosa, como se lhe faltasse o coração. E, como estava tão silenciosa, eu conseguia ouvir meu avô e a Viúva conversando, ao passo que as palavras atravessavam as portas do escritório.

— Em torno de qual paixão ela gravita? — perguntou a Viúva, e a voz era intensa e suave, como um rastro de fumaça contra o céu em uma noite de outono.

— Ela gosta de desenhar... E se sai muito bem nisso. Também tem uma imaginação vívida. Seria ótima em teatro. E música; minha filha era muito talentosa com o alaúde, sem dúvida Brienna herdou um pouco disso. O que mais... ah, sim, dizem no orfanato que gosta de ler. Leu todos os livros de lá duas vezes.

Vovô estava tagarelando. Ele sabia o que estava dizendo? Nunca tinha me visto desenhar, tampouco ouvido minha imaginação.

Desci do banco e, silenciosamente, cheguei mais perto. Com o ouvido encostado à porta, absorvi as palavras.

— Isso tudo é muito bom, monsieur Paquet, mas o senhor entende que, por “paixão”, quero dizer que sua neta precisa dominar *uma* das cinco paixões, e não todas.

Vislumbrei as cinco paixões em minha mente: *Arte. Música. Teatro. Sagacidade. Conhecimento.* Magnalia era um lugar aonde uma garota poderia ir para se tornar uma arden, uma aprendiz. Poderia escolher uma das cinco paixões para estudar de forma diligente sob as instruções e os cuidados de um mestre ou mestra. Quando chegasse ao auge do talento, a garota ganharia o título de mestra, recebendo seu manto: um símbolo individualizado de sua realização e de seu status. Ela se tornaria uma paixão da arte, ou uma paixão da sagacidade, ou daquilo a que se dedicasse.

Meu coração trovejou dentro do peito, e as palmas das mãos ficaram cobertas de suor quando me imaginei tornando-me uma paixão.

Qual eu deveria escolher, se a Viúva me aceitasse?

Porém, não consegui desenvolver aquela ideia, porque meu avô rebateu:

— Juro que Brienna é uma garota inteligente. Ela é capaz de dominar qualquer uma das cinco paixões.

— É gentileza sua pensar assim, mas devo dizer... minha Casa é muito competitiva, muito difícil. Já tenho as cinco ardens desta temporada de paixões. Se aceitar sua neta, um dos meus arials vai ter que instruir *duas* ardens. Isso nunca foi feito...

Estava tentando entender o que “arial” queria dizer (“instrutor”, talvez?) quando ouvi um ruído e dei um pulo para longe das portas duplas, esperando que fossem se abrir, e que eu fosse pega no flagra. Porém, devia ter sido apenas meu avô, ajeitando-se ansiosamente na cadeira.

— Posso garantir, madame, que Brienna não causará problemas. É uma menina muito obediente.

— Mas o senhor disse que ela mora em um orfanato? E não carrega seu sobrenome. Por que isso? — questionou a Viúva.

Houve uma pausa. Sempre me perguntei por que meu sobrenome não era igual ao de Vovô. Aproximei-me das portas novamente, encostando o ouvido na madeira...

— É para proteger Brienna do pai, madame.

— Monsieur, temo que não possa aceitá-la se estiver em situação de perigo...

— Por favor, madame, escute-me só por um momento. Brienna tem dupla cidadania. A mãe dela, minha filha, era valeniana, e o pai é de Maevana. Sabe que ela existe, e fiquei receoso... com medo de que a procure e consiga encontrá-la pelo meu sobrenome.

— E por que isso seria tão horrível?

— Porque o pai dela é...

Do outro lado do corredor, ouvi o som de uma porta se abrindo e se fechando, seguido do clique de botas adentrando o corredor. Voltei correndo para o banco e praticamente caí sobre ele, fazendo com que as pernas quadradas do móvel se arrastassem no chão como unhas que arranham um quadro-negro.

Não ousei erguer o rosto, sentindo as bochechas corarem de culpa, enquanto o dono das botas foi se aproximando até parar na minha frente.

Achei que fosse o mordomo, até que me resignei a erguer o olhar e ver que era um rapaz jovem e terrivelmente bonito, com o cabelo da cor de campos de trigo sob o sol do verão. Era alto e magro, sem um vinco sequer no tecido da calça e da túnica, mas, mais do que isso... usava um manto azul. Era uma paixão, então, um mestre de conhecimento. Azul era a cor deles. E ele tinha acabado de descobrir que eu estava espionando a Viúva.

Lentamente, ele se agachou, parando na altura do meu olhar cauteloso. Ele segurava um livro, e reparei que os olhos eram tão azuis quanto seu manto de paixão, da cor de centáureas.

— E quem seria você? — perguntou.

— Brienna.

— É um nome muito bonito. Você vai se tornar arden aqui em Magnalia?

— Não sei, monsieur.

— Quer se tornar uma?

— Sim, muito, monsieur.

— Não precisa me chamar de “monsieur” — corrigiu, delicadamente.

— Então como deveria chamá-lo, monsieur?

Ele não respondeu; apenas olhou para mim, com a cabeça inclinada para o lado, fazendo com que o cabelo louro recaísse

sobre o ombro como um feixe de luz do sol. Queria que fosse embora, mas também queria que continuasse conversando comigo.

Foi naquele momento que as portas do escritório se abriram. O mestre de conhecimento se levantou, virando-se em direção ao som. Porém, meu olhar se desviou para as costas do manto, onde fios de prata se encontravam: uma constelação de estrelas em meio ao tecido azul. Fiquei encantada; desejava perguntar a ele o que aquilo queria dizer.

— Ah, mestre Cartier — cumprimentou a Viúva de onde estava, sob o portal. — Importa-se de acompanhar Brienna até o escritório?

Ele estendeu a mão para mim, com a palma virada convidativamente para cima. Cuidadosamente, apoiei meus dedos sobre os dele. Eu estava quente, ele estava frio. Caminhei ao lado dele até o fim do corredor, onde a Viúva me esperava. Mestre Cartier pressionou levemente meus dedos antes de me soltar e continuar seguindo pelo corredor; estava me incentivando a ser corajosa, a andar de cabeça erguida e orgulhosa; a encontrar meu lugar naquela Casa.

Entrei no escritório, e as portas se fecharam com um clique baixo. Vovô estava sentado em uma cadeira, e ao lado dele havia outra, esperando por mim. Deslizei sobre ela silenciosamente, enquanto a Viúva contornava a mesa, acomodando-se com um farfalhar do vestido.

Era uma mulher de aparência um tanto severa: a testa era proeminente, reflexo de anos esticando o cabelo para trás sob perucas apertadas. No momento, os cachos, brancos de experiência, estavam quase completamente escondidos por debaixo do capelo inglês de veludo preto, que pousava elegantemente sobre a cabeça. O vestido tinha um tom escuro de vermelho, cintura baixa e gola quadrada, contornada de pérolas. E eu soube, naquele momento, enquanto absorvia sua beleza envelhecida, que ela podia me guiar para uma vida que eu não conseguiria alcançar de outra forma. Para me tornar uma paixão.

— É um prazer conhecê-la, Brienna — cumprimentou-me, com um sorriso.

— Madame — respondi, limpando o suor das mãos no vestido.

— Seu avô me contou muitas coisas maravilhosas sobre você.

Assenti, lançando um olhar constrangido para ele. Vovô me observava com um brilho pesado nos olhos, e apertava o lenço firmemente outra vez, como se precisasse se segurar em alguma coisa.

— Por que paixão você se sente mais atraída, Brienna? — indagou, atraindo minha atenção novamente. — Ou será que tem uma inclinação natural por alguma delas?

Pelos santos dos céus, eu não sabia. Freneticamente, deixei que minha mente percorresse as cinco de novo: *arte... música... teatro... sagacidade... conhecimento*. Para ser sincera, não tinha qualquer inclinação natural, não tinha talento intrínseco para nenhuma paixão. Assim, disse a primeira que me veio à cabeça:

— Arte, madame.

Naquele momento, para minha consternação, ela abriu uma gaveta, de onde tirou um pedaço de pergaminho e um lápis. Colocou-os no canto da mesa, bem à minha frente.

— Desenhe algo para mim.

A Viúva sinalizou para que eu me aproximasse.

Resisti a olhar para o meu avô, porque sabia que nossa fraude se tornaria óbvia como um sinal de fumaça. Ele sabia que eu não era artista, e eu também sabia que não o era, contudo, peguei o lápis como se fosse.

Respirei fundo, e pensei em algo que amava: mentalizei a árvore que crescia no quintal do orfanato. Era um velho carvalho, sábio e grande, no qual adorávamos subir. Então falei para mim mesma: qualquer um pode desenhar uma árvore.

Desenhei enquanto a Viúva conversava com meu avô, e os dois tentavam me dar certa privacidade. Quando terminei, repousei o lápis sobre a mesa e esperei, observando aquilo que minha mão havia gerado.

Era uma reprodução lamentável. Nem um pouco parecida com a imagem que trazia na mente.

A Viúva encarou o desenho atentamente. Reparei em um leve franzido na testa dela, mas os olhos disfarçavam bem.

— Tem certeza de que quer estudar arte, Brienna?

Não havia crítica no tom dela, mas senti o desafio sutil no âmago daquelas palavras.

Quase respondi que não, que ali não era meu lugar. Porém, quando pensei em voltar para o orfanato e em me tornar uma criada ou cozinheira, como todas as outras garotas do orfanato acabavam se tornando, percebi que aquela era minha única chance de evoluir.

— Sim, madame.

— Então, vou abrir uma exceção para você. Já tenho cinco garotas da sua idade frequentando Magnalia. Você será a sexta arden, e vai estudar a paixão da arte com a mestra Solene. Passará os próximos sete anos aqui, morando com suas irmãs ardens, aprendendo e crescendo e se preparando para seu 17º solstício de verão, quando vai conquistar sua paixão e ganhar um patrono. — Ela fez uma pausa, e me senti embriagada por tudo o que tinha acabado de despejar em cima de mim. — Parece aceitável para você?

Pisquei os olhos, e então gaguejei:

— Sim, muito, madame!

— Muito bem. Monsieur Paquet, o senhor deve trazer Brienna de volta no equinócio de outono, junto com o valor referente à matrícula dela.

Meu avô se levantou apressadamente e se curvou para ela, e o alívio tomava conta da sala como um perfume.

— Obrigado, madame. Estamos maravilhados! Brienna não a decepcionará.

— Não, acredito que não — concordou a Viúva.

Levantei-me e fiz uma reverência torta, depois fui seguindo vovô até as portas do escritório. Contudo, logo antes de chegar ao corredor, virei-me para trás e olhei para a Viúva.

Observava-me com expressão triste. Eu era só uma garota, mas conhecia aquele olhar. O que quer que meu avô tenha dito para ela a convenceu a me aceitar. Minha admissão não era mérito meu; não fora baseada no meu potencial. Foi o nome do meu pai que a abalou? O mesmo que eu própria não sabia? Ainda assim, seu nome realmente importava?

Ela acreditava ter me aceitado por caridade, e que eu nunca conquistaria uma paixão.

Escolhi aquele momento para provar que ela estava enganada.

PARTE UM



MAGNALIA



Sete anos depois

CARTAS E LIÇÕES

Final da primavera de 1566

Duas vezes por semana, Francis se escondia no arbusto de zimbro que florescia junto à janela da biblioteca. Às vezes, gostava de fazê-lo esperar; tinha pernas compridas, e era impaciente. Imaginá-lo agachado em um arbusto era um agrado para minha mente. Mas faltava uma semana para o verão, e isso me instigava a me apressar. Também era hora de contar para ele. Aquele pensamento fez com que meus batimentos disparassem quando adentrei a quietude das sombras vespertinas da biblioteca.

Diga a ele que essa será a última vez.

Levantei a janela delicadamente, captando a fragrância doce dos jardins enquanto Francis erguia-se de sua posição inspirada nas gárgulas.

— Você gosta de me fazer esperar — resmungou, mas sempre me cumprimentava assim.

Tinha o rosto queimado de sol, e o cabelo escuro escapava da trança que o prendia. O uniforme marrom de mensageiro estava úmido de suor, e o sol cintilava na pequena aglomeração de distintivos de conquistas pendurados no tecido acima do coração. Ele se gabava de ser o mensageiro mais rápido de toda Valenia, apesar de seus supostos 21 anos.

— Esta é a última vez, Francis — avisei, antes que pudesse mudar de ideia.

— Última vez? — repetiu, embora já sorrisse para mim.

Conhecia esse sorriso. Era o que usava para conseguir o que queria.

— Por quê? — indagou.

— Porque sim! — exclamei, afastando uma abelha curiosa com a mão. — Precisa mesmo perguntar?

— No mínimo, essa é a época em que mais preciso de você, mademoiselle — rebateu, tirando dois envelopes pequenos do bolso interno da camisa. — Em oito dias será o solstício de verão do destino.

— Exatamente, Francis — retorqui, sabendo que ele estava pensando apenas na minha irmã arden Sibylle. — Oito dias, e ainda tenho muito a aprimorar.

Meu olhar parou nos envelopes que ele segurava; um deles estava endereçado a Sibylle, mas o outro era para mim. Reconheci a caligrafia como sendo do meu avô; finalmente me escrevera. Meu coração pulou só de imaginar o que a carta poderia guardar dentro de suas dobras...

— Está preocupada?

Meu olhar voltou para o rosto de Francis.

— É claro que estou preocupada.

— Não deveria. Acho que vai se sair esplendidamente bem.

Desta vez, não estava me provocando, como de costume. Ouvi a sinceridade em sua voz alegre e doce. Eu queria acreditar, como ele, que, em oito dias, quando o 17º verão marcasse meu corpo, conquistaria minha paixão. Que seria escolhida.

— Não acho que mestre Cartier...

— Quem liga para o que seu mestre pensa? — interrompeu Francis, dando de ombros. — Só deveria se preocupar com o que você pensa.

Franzi a testa enquanto ponderava sobre aquilo, imaginando como mestre Cartier responderia a essa declaração.

Conhecia Cartier havia sete anos. Conhecia Francis havia sete meses.

Nós nos conhecemos em novembro; estava sentada em frente à janela aberta, esperando que Cartier chegasse para minha aula da tarde, quando Francis passou pelo caminho de cascalho. Eu e todas as minhas irmãs arden sabíamos quem ele era; sempre o víamos entregando e recebendo correspondências na Casa Magnalia. Mas aquele foi o primeiro encontro pessoal, quando perguntou se eu entregaria uma carta secreta a Sibylle. Entreguei, e, assim, acabei envolvida na troca de cartas entre eles.

— Eu me importo com o que o mestre Cartier pensa, porque ele é quem pode declarar se conquistei minha paixão — argumentei.

— Pelos santos, Brienna — respondeu Francis, enquanto uma borboleta brincava em seu ombro largo. — Você deveria ser quem declara se conquistou sua paixão, não acha?

Aquilo me deu motivo para pensar, e Francis se aproveitou da minha pausa.

— A propósito, sei quem são os patronos que a Viúva convidou para o solstício.

— O quê? Como?

É claro que eu sabia a resposta. Ele entregara todas as cartas, vira os nomes e endereços. Apertei os olhos na direção dele, e as covinhas surgiram em suas bochechas. Mais uma vez, aquele sorriso. Via perfeitamente bem por que Sibylle gostava dele, mas era brincalhão demais para mim.

— Ah, me entregue logo essas cartas malditas! — exclamei, estendendo a mão para tirá-las dele.

Ele se esquivou, pois já aguardava essa reação.

— Não quer saber quem são os patronos? — provocou. — Pois um deles será seu em oito dias...

Fiquei olhando para ele, mas vi além do rosto infantil e do corpo alto e desajeitado. O jardim estava seco, sedento por chuva, e tremulava sob uma brisa leve.

— Apenas me dê as cartas.

— Mas, se essa vai ser minha última carta para Sibylle, preciso reescrever algumas coisas.

— Por São LeGrand, Francis, não tenho tempo para seus jogos.

— Só mais uma carta — suplicou. — Não sei onde Sibylle estará daqui a uma semana.

Devia sentir pena dele; ah, o sofrimento de se amar uma paixão quando não se é uma. Ainda assim, devia ter permanecido firme na minha decisão. Ele que enviasse uma carta da forma tradicional, como deveria estar fazendo desde o início. Contudo, em meio a um suspiro, acabei concordando, principalmente porque queria a carta do meu avô.

Finalmente me entregou os envelopes. O de vovô foi direto para o bolso, mas o de Francis permaneceu nos meus dedos.

— Por que escreveu em dairine? — interpelei, reparando na caligrafia que preenchia o destinatário.

Tinha escrito na língua de Maevana, o reino do Norte: *Para Sibylle, meu sol e minha lua, minha vida e minha luz.*

Quase caí na gargalhada, mas me controlei a tempo.

— Não leia! — exclamou, com as bochechas, que já eram bronzeadas, ficando ainda mais coradas.

— Está na frente do envelope, seu bobo. É claro que vou ler.

— Brienna...

Ele estendeu a mão para mim, e saboreei a oportunidade de finalmente provocá-lo, quando ouvi a porta da biblioteca se abrindo. Sabia que era Cartier sem que eu precisasse conferir. Por três anos, passei quase todos os dias com ele, e minha alma se acostumara com a forma como a presença dele comandava silenciosamente o aposento.

Enfiei a carta de Francis no bolso junto com a do meu avô, então arregalei os olhos para Francis e comecei a fechar a janela. Ele entendeu o gesto um pouco tarde demais: preendi seus dedos no parapeito. Ouvi claramente o gritinho de dor, mas torci para que o fechamento rápido da janela tivesse escondido aquilo de Cartier.

— Mestre Cartier — cumprimentei-o, sem fôlego, girando sobre os calcanhares.

Ele não estava olhando para mim. Observei-o enquanto apoiava a bolsa de couro em uma cadeira e sacava vários livros dali de dentro, colocando-os sobre a mesa.

— Nada de janela aberta hoje? — perguntou.

Ainda não tinha olhado para mim, o que veio a calhar, pois senti o rosto ficando quente, e não era por causa da luz do sol.

— As abelhas estão agitadas hoje — rebati, olhando discretamente por cima do ombro e vendo que Francis corria pelo caminho de cascalho até o estábulo.

Conhecia as regras de Magnalia. Sabia que não podíamos ter envolvimento românticos enquanto éramos ardens. Ou, sendo mais realista, não podíamos ser pegas fazendo aquilo. Eu era tola de transportar as cartas de Sibylle e Francis.

Olhei para a frente e vi Cartier me encarando.

— Como estão suas Casas Valenianas? — inquiriu, sinalizando para que eu me aproximasse da mesa.

— Muito bem, mestre — afirmei, assumindo meu lugar de sempre.

— Vamos começar recitando a linhagem da Casa de Renaud, seguindo o filho primogênito — instruiu Cartier, sentando-se na cadeira em frente à minha.

— Casa de Renaud?

Pela misericórdia dos santos, é claro que pediria a linhagem real expandida, justamente da qual tinha dificuldade de me lembrar.

— É a linhagem do nosso rei — lembrou-me, com o característico olhar firme.

Já tinha visto aquele olhar muitas vezes, e minhas irmãs ardens também; todas reclamavam de Cartier entre quatro paredes. O instrutor de conhecimento era o mais bonito dos ariais de Magnalia, mas era também o mais rigoroso. Minha irmã arden Oriana alegava que havia uma pedra no peito dele, e desenhara uma caricatura, mostrando-o como um homem surgindo de uma pedra.

— Brienna.

Meu nome rolou pela língua dele enquanto seus dedos estalavam com impaciência.

— Me perdoe, mestre.

Tentei lembrar o começo da linhagem real, mas só conseguia pensar na carta de Vovô, que aguardava no meu bolso. O que o fez demorar tanto para escrever?

— Você entende que o conhecimento é a mais exigente das paixões? — instigou Cartier quando meu silêncio se prolongou por tempo demais.

Meu olhar encontrou o dele, e me perguntei se estaria tentando sugerir com sutileza que eu não tinha a resistência necessária para aquilo. Em algumas manhãs, eu mesma pensava isso.

No meu primeiro ano em Magnalia, estudei a paixão da arte. E, como não tinha inclinações artísticas, no ano seguinte, fui para a música. Porém, meu canto não serviu de redenção, e meus dedos faziam com que os instrumentos parecessem felinos guinchando. No terceiro ano, experimentei teatro, até descobrir que meu pânico de palco não poderia ser superado. Assim, meu quarto ano foi

dedicado à sagacidade, um ano muito agitado do qual tentava não me lembrar. Então, quando fiz 14 anos, fui procurar Cartier e pedi que me aceitasse como sua arden, que me transformasse em mestra de conhecimento nos três anos que me restavam em Magnalia.

Ainda assim, eu sabia, e desconfiava que os outros ariais que me instruíram também soubessem, que estava ali por causa de algo que meu avô dissera sete anos atrás. Não estava aqui porque merecia, por transbordar talento e habilidade como as outras cinco ardens, a quem amava como minhas verdadeiras irmãs. Contudo, talvez isso me fizesse querer ainda mais estar aqui, para provar que a paixão não era só um dom herdado, como algumas pessoas acreditavam, mas que poderia ser conquistada por qualquer um, plebeu ou nobre, mesmo não tendo aquela habilidade intrínseca.

— Talvez eu devesse voltar à nossa primeira lição — disse Cartier, interrompendo meu devaneio. — O que é paixão, Brienna?

O catecismo da paixão. Ele ecoava nos meus pensamentos; uma das primeiras passagens que memorizei. A que todas as ardens sabiam de cor.

Ele não estava sendo condescendente comigo ao perguntar isso agora, a oito dias do solstício de verão, mas, ainda assim, senti uma pontada de constrangimento, até que, bravamente, ergui o olhar até o dele e vi que havia mais significado naquela pergunta.

O que você quer, Brienna?, perguntaram seus olhos silenciosamente ao sustentarem os meus. *Por que você quer uma paixão?*

Então, dei a ele a resposta que me ensinaram a dizer, sentindo que seria mais seguro.

— A paixão é dividida em cinco corações — comecei. — Paixão é arte, música, teatro, sagacidade e conhecimento. Paixão é devoção absoluta; é fervor e agonia; é ponderação e zelo. Não conhece limites, e marca um homem ou mulher independentemente da classe ou status, independentemente da herança. A paixão se torna o homem ou a mulher, assim como o homem ou a mulher se torna a paixão. É uma consumação da habilidade e da carne, um marcador de devoção, dedicação e ação.

Não sabia dizer se Cartier estava decepcionado com minha resposta decorada. O rosto era sempre tão cuidadosamente protegido que nenhuma vez sequer o vi sorrir, e nenhuma vez o ouvi gargalhar. Às vezes, imaginava que não era muito mais velho do que eu, mas sempre lembrava a mim mesma de que minha alma era jovem, e a de Cartier não o era. Ele era muito mais experiente e estudado, o que, provavelmente, era o produto de uma infância terminada cedo demais. Qualquer que fosse a idade dele, carregava uma quantidade enorme de conhecimento na mente.

— Eu fui sua última escolha, Brienna — disse, por fim, ignorando meu catecismo. — Você me procurou três anos atrás, e me pediu que a preparasse para seu 17º solstício de verão. Em vez de ter sete anos para lhe transformar em mestra do conhecimento, só tive três.

Eu mal conseguia suportar aqueles lembretes. Faziam com que eu pensasse em Ciri, sua outra arden de conhecimento. Ela estava mergulhada em um conhecimento de profundidade invejável, e teve sete anos de instrução. É claro que me sentiria inadequada em comparação a ela.

— Perdoe-me por não ser como Ciri — deixei escapar, antes que pudesse engolir o sarcasmo.

— Ciri começou o treinamento quando tinha dez anos — lembrou-me calmamente, ocupando-se com um livro sobre a mesa.

Pegou-o e folheou por várias páginas marcadas com orelhas, algo que ele detestava fervorosamente, e o vi ajeitar com delicadeza as dobras no papel velho.

— Está arrependido da minha escolha, mestre?

O que realmente queria perguntar era: *Por que não recusou quando lhe pedi para que se tornasse meu mestre três anos atrás? Se três anos não era tempo suficiente para que eu chegasse à paixão, por que não me recusou?* Contudo, talvez meu olhar expressasse isso, porque ele me olhou, e então afastou o rosto languidamente em direção aos livros.

— Tenho poucos arrependimentos, Brienna — respondeu.

— O que acontecerá se não for escolhida por um patrono no solstício? — questionei, apesar de saber o que acontecia com

jovens rapazes e moças que não conseguiam conquistar uma paixão.

Costumavam ser fracassados e inadequados, nem aqui nem ali, sem pertencer a nenhum grupo. Desprezados pelas paixões e pelo povo comum. Ao dedicar anos, tempo e mente à paixão, e não a alcançar... a pessoa ficava marcada como *inepta*. Não é mais arden, não chega a ser paixão, e, de repente, é obrigada a se misturar na sociedade e se tornar útil.

Enquanto esperava a resposta dele, pensei na metáfora simples que a mestra Solene me ensinou naquele primeiro ano de arte, quando percebeu que eu não era nada artística. A paixão se movia em fases. Começava-se como arden, que era como uma lagarta. Essa era a hora de devorar e dominar o máximo da paixão quanto fosse possível. Poderia acontecer até mesmo em dois anos, para quem era um prodígio, e levar até dez, se a pessoa tinha um aprendizado mais lento. A Casa Magnalia oferecia um programa de sete anos, e era bem rigorosa em comparação a outras Casas de paixão valenianas, que costumavam ir até oito ou nove anos de estudo. E, depois, vinha a paixão, marcada por um manto e um título, seguida da fase do patrono, que era como o casulo: um lugar onde guardar e amadurecer a paixão, para apoiá-la enquanto se preparava para a fase final. Esta era a borboleta, quando a paixão podia emergir para o mundo sozinha.

Estava pensando em borboletas quando Cartier rebateu:

— Acho que você será a primeira da sua espécie, pequena arden.

Não gostei da resposta, e meu corpo afundou mais ainda no brocado da cadeira, que tinha cheiro de livros velhos e de solidão.

— Se acredita que vai falhar, então, provavelmente o fará — continuou, e seus olhos azuis cintilavam em direção aos meus, castanhos. Partículas de poeira atravessaram o espaço entre nós, girando pelo ar. — Concorda?

— É claro, mestre.

— Seus olhos nunca mentem para mim, Brienna. Deveria aprender a se controlar melhor quando tenta me enganar.

— Vou seguir seu conselho, de coração.

Inclinou a cabeça para o lado, mas os olhos continuaram fixos nos meus.

— Quer me contar o que realmente tem em mente?

— O solstício está na minha cabeça — respondi, um pouco rápido demais.

Era uma meia-verdade, mas não conseguia imaginar contar a ele sobre a carta do meu avô, pois poderia me pedir para que a lesse em voz alta.

— Bom, esta aula foi inútil — afirmou, levantando-se.

Fiquei decepcionada por estar interrompendo a aula tão cedo, pois precisava de toda a instrução que estivesse disposto a me dar. Contudo, também fiquei aliviada. Não conseguiria me concentrar em nada com a carta do meu avô pesando no bolso como um pedaço de carvão.

— Por que não tira o resto da tarde para estudar sozinha? — sugeriu, acenando na direção dos livros sobre a mesa. — Pegue esses livros, se quiser.

— Sim, obrigada, mestre Cartier.

Também me levantei, e fiz uma reverência. Sem olhar para ele, recolhi os livros e saí da biblioteca, sentindo-me ansiosa.

Fui até o jardim, caminhando por detrás das cercas vivas, para que Cartier não pudesse me ver pelas janelas da biblioteca. O céu estava agitado e cinzento, alertando a iminência de uma tempestade. Sentei-me no primeiro banco que encontrei e coloquei os livros cuidadosamente ao meu lado.

Peguei a carta do meu avô e a segurei na frente do rosto. A caligrafia torta fazia meu nome se parecer com uma careta sobre o pergaminho. Quebrei o lacre de cera vermelha, e minhas mãos tremiam enquanto eu desdobrava a carta.

7 de junho de 1566

Minha querida Brienna,

Peço perdão por levar tanto tempo para respondê-la. Temo que a dor nas minhas mãos tenha piorado, e o médico me instruiu a ser breve na escrita, ou a contratar um escriba. Tenho que dizer que sinto muito orgulho de você, e que sua mãe, minha doce Rosalie, sentiria muito orgulho também de saber que você está a dias de conquistar sua paixão. Por favor, escreva-me depois do solstício e me conte qual patrono você escolheu.

Respondendo à sua pergunta: Temo que esteja familiarizada com minha resposta. O nome do seu pai não é digno de atenção. Sua mãe foi ludibriada por seu rosto bonito e suas palavras doces, e acredito que só fosse lhe fazer mal saber o nome dele. Sim, você tem dupla cidadania, o que quer dizer que é parte

maevana. Mas não quero que você o procure. Asseguro-lhe que encontraria nele os mesmos defeitos que vejo. E não, minha querida, ele não perguntou sobre você. Nenhuma vez sequer ele a procurou. Você precisa se lembrar que é ilegítima, e a maioria dos homens foge quando ouve essa palavra.

Lembre que você é muito amada, e que me coloco no lugar do seu pai.
Com amor,

Vovô

Amassei a carta na mão. Meus dedos estavam brancos como o papel, e os olhos afogavam-se em lágrimas. Era tolice chorar por uma carta dessas, por ter sido privada mais uma vez de saber o nome do homem que era meu pai. Levava semanas para reunir coragem de escrever aquela carta e perguntar por isso de novo.

Decidi que aquela seria a última vez que faria essa pergunta. O nome não importava mais.

Se minha mãe estivesse viva, o que diria sobre ele? Teriam se casado? Ou talvez já fosse casado, e fosse por isso que meu avô sentia tanta repulsa só de pensar no meu pai. Um vergonhoso caso extraconjugal entre uma mulher valeniana e um homem maevano.

Ah, minha mãe. Às vezes, achava que me lembrava da cadência musical de sua voz, ou que conseguia me lembrar de como era estar nos braços dela, de seu cheiro. Alfazema, cravo, sol e rosas.

Morrera da doença do suor quando eu tinha três anos, e Cartier me disse uma vez que era raro que uma pessoa tivesse lembranças de tão pequena. Seria, então, coisa da minha cabeça? Memórias dela que eu gostaria de ter?

Por que doía, então, pensar em uma pessoa a qual eu não conhecia de verdade?

Enfiei a carta de volta no bolso, me inclinei para trás e senti as folhas recortadas da cerca viva acariciarem meu cabelo, como se a planta estivesse tentando me consolar. Não deveria estar pensando em fragmentos do passado, em coisas que não importavam. Precisava me concentrar no que aconteceria em oito dias, quando o solstício chegasse; quando devia dominar minha paixão e finalmente receber meu manto.

Devia estar lendo os livros de Cartier, enfiando palavras na memória.

Porém, antes mesmo que eu pudesse começar a levar os dedos até as páginas, ouvi passos leves sobre a grama, e Oriana surgiu pelo caminho.

— Brienna!

O cabelo preto de Oriana estava preso em uma trança que descia até a cintura. A pele escura e o vestido de arden estavam sarapintados de tinta, por conta das horas infinitas que passava no ateliê, e, enquanto seu vestido contava uma história sobre encantadoras criações de cor, o meu estava tediosamente limpo e amassado. As seis ardens de Magnalia usavam aqueles sombrios vestidos cinza, e nós os odiávamos com unanimidade, com suas golas altas, mangas compridas e lisas, e caimento recatado. Tirá-los em breve seria apaixonante, de fato.

— O que está tramando? — perguntou minha irmã arden, diminuindo a distância entre nós. — Mestre Cartier já conseguiu levá-la à frustração?

— Não, acho que é o contrário, desta vez.

Levantei-me e peguei os livros com uma das mãos enquanto entrelaçava o braço livre no de Oriana. Andamos lado a lado. Como Oriana era pequena e magra em comparação à minha altura e minhas pernas compridas, precisava diminuir meu passo para acompanhar o dela.

— Como estão suas pinturas finais? — indaguei.

Ela riu com deboche e me deu um sorriso sarcástico enquanto arrancava uma rosa de um arbusto.

— Estão indo, eu acho.

— Já escolheu quais vai expor no solstício?

— Na verdade, já. — Ela começou a me contar sobre quais quadros tinha decidido expor para os patronos, enquanto eu a observava girar nervosamente a rosa.

— Não se preocupe — falei, e a fiz parar para podermos nos olhar cara a cara. Ao longe, um trovão ribombou, e o ar se encheu do aroma de chuva. — Seus quadros são lindíssimos. E já consigo ver.

— Ver o quê? — questionou, e prendeu a rosa delicadamente atrás da minha orelha.

— Que os patronos vão brigar por você. Levará o preço mais alto.

— Pelos santos, não! Eu não tenho o charme de Abree, nem a beleza de Sibylle, sequer a doçura de Merei, ou a sua inteligência e a de Ciri.

— Mas sua arte cria uma janela para outro mundo — expliquei, sorrindo para ela. — Ajudar os outros a verem o mundo de um jeito diferente é um verdadeiro dom.

— Desde quando você se tornou poeta, minha amiga?

Eu ri, mas o barulho de um trovão engoliu o som. Assim que a reclamação da tempestade passou, Oriana disse:

— Eu tenho uma confissão. — Ela me puxou para seguirmos pelo caminho quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair, e fui atrás, intrigada, porque Oriana era a única arden que nunca violava as regras.

— E... — estimulei-a.

— Sabia que estava aqui no jardim, e vim pedir-lhe uma coisa. Lembra que desenhei retratos das outras garotas? Para ter como me lembrar de cada uma de vocês quando nos separarmos na próxima semana? — continuou, olhando para mim, com os olhos cor de âmbar brilhando de expectativa.

Tentei não gemer.

— Ori, não consigo ficar parada por tanto tempo.

— Abree conseguiu, e você sabe que ela não para quieta. E o que quer dizer com *não consigo ficar parada por tanto tempo*? Você fica o dia inteiro sentada com Ciri e o mestre Cartier, lendo um livro atrás do outro!

Contive um sorriso nos lábios. Durante um ano inteiro, ela me pediu para que posasse, e eu estive sempre ocupada demais com os estudos para ter tempo de lazer para algo como um retrato. Tinha aulas com Cartier e Ciri de manhã, mas, chegando a tarde, costumava ter aulas particulares com Cartier, porque ainda estava com dificuldade de dominar tudo o que precisava. E enquanto aguentava as aulas extenuantes e via o sol esmaecer sobre o chão, minhas irmãs ardens tinham as tardes livres. Em muitos dias, ouvi as risadas e a alegria delas encherem a casa enquanto açoitava minha memória sob o escrutínio de Cartier.

— Não sei — hesitei, trocando os livros de braço. — Eu devia estar estudando.

Contornamos o final da cerca viva e demos de cara com Abree.

— Conseguiu convencê-la? — perguntou Abree a Oriana, e percebi que aquilo era uma emboscada. — E não olhe assim para nós, Brienna.

— Assim como? — rebati. — Vocês duas sabem que, se quiser receber meu manto e ir embora com um patrono daqui a oito dias, preciso passar cada minuto...

— Memorizando linhagens tediosas, sim, nós sabemos — interrompeu Abree.

O denso cabelo castanho caía livre sobre os ombros, e havia algumas folhas presas nos cachos, como se ela estivesse se arrastando em meio aos arbustos. Ela era famosa por treinar suas falas do lado de fora da casa com mestre Xavier, e, por várias vezes, pude vê-la, pelas janelas da biblioteca, rolando na grama, esmagando frutas silvestres no corpete para simular sangue falso e projetando as falas para as nuvens. Agora, via sinais de lama em suas saias de arden, e manchas de frutas silvestres no vestido, percebendo que esteve se dedicando aos ensaios.

— Por favor, Brienna — suplicou Oriana. — Já desenhei todo mundo, menos você...

— E vai *querer* que a desenhe, principalmente depois que vir os adereços que encontrei para você — acrescentou Abree, sorrindo maliciosamente para mim.

Ela era a maior de nós, um palmo inteiro mais alta do que eu.

— Adereços! — resmunguei. — Escutem, eu não... — Mas o trovão soou de novo, sufocando meus fracos protestos, e, antes que pudesse impedi-la, Oriana roubou os livros das minhas mãos.

— Vou à frente para arrumar as coisas — avisou Oriana, dando três passos ansiosos para longe de mim, como se eu não pudesse mudar de ideia se ela estivesse fora do alcance da minha voz. — Abree, leve-a para o ateliê.

— Sim, milady — respondeu Abree, ironizando uma reverência.

Vi Oriana correr pelo gramado e entrar pelas portas dos fundos da casa.

— Ah, vamos lá, Brienna — insistiu Abree, enquanto a chuva se libertava das nuvens e pontilhava nosso vestido. — Você precisa aproveitar esses dias finais.

— Não consigo aproveitá-los com o medo de me tornar inepta.

Comecei a andar em direção a casa, puxando a fita da minha trança para deixar o cabelo comprido se soltar, e passando os dedos ansiosamente por ele.

— Você *não vai* ficar inepta! — Contudo, houve uma pausa, seguida por: — Mestre Cartier acha que vai?

Já estava na metade do gramado, sentindo-me encharcada e sufocada pelas expectativas iminentes, quando Abree me alcançou, segurou meu braço e me virou.

— Por favor, Brienna. Faça o retrato por mim e por Oriana.

Suspirei, mas um pequeno sorriso estava começando a tocar os cantos dos meus lábios.

— Tudo bem. Mas não pode levar o dia todo.

— Você realmente vai ficar animada quando vir os adereços que encontrei! — persistiu Abree, sem fôlego, e me arrastou pelo que restava do gramado.

— Quanto tempo acha que vai demorar? — ofeguei quando abrimos a porta e adentramos as sombras do corredor dos fundos da casa ensopadas e trêmulas.

— Não muito — respondeu Abree. — Ah! Lembra que estava me ajudando a elaborar a segunda parte da minha peça? Quando Lady Pumpnickel é jogada no calabouço por roubar o diadema?

— Aham.

Apesar de eu não estar mais estudando teatro, Abree continuava a solicitar minha ajuda quando tinha que elaborar o enredo de suas peças.

— Não sabe como tirá-la do calabouço, não é? — questioneei, e ela corou, timidamente.

— Não. E antes que você sugira... eu não quero matá-la.

Não consegui conter uma gargalhada.

— Isso foi anos atrás, Abree.

Ela estava se referindo à época em que eu era arden de teatro, e nós duas escrevemos esquetes para mestre Xavier. Enquanto Abree criava uma cena cômica de duas irmãs lutando pelo mesmo rapaz, criei uma tragédia sangrenta sobre uma filha que roubava o trono do pai. Matei todos os personagens no final, à exceção de um, e mestre Xavier ficou chocado com meu enredo sombrio.

— Se não quer matá-la — propus, quando começamos a atravessar o corredor —, então faça com que encontre uma porta secreta atrás de um esqueleto, ou que convença um guarda a mudar de lado e a ajudar, mas só por um preço sombrio e inesperado.

— Ah, uma porta secreta! — exclamou Abree, passando o braço pelo meu. — Você cria histórias como uma diabinha, Bri! Queria ter uma mente como a sua.

Quando sorriu para mim, senti uma pontada de remorso por ter tanto pânico de palco para me tornar mestra de teatro.

Abree deve ter sentido o mesmo, pois me segurou mais forte e murmurou:

— Sabe, não é tarde demais. Você pode escrever uma peça de dois atos em oito dias, impressionar mestre Xavier e...

— Abree. — Silenciei-a, de um jeito brincalhão.

— É assim que duas ardens de Magnalia se comportam a uma semana do seu solstício do destino?

A voz nos sobressaltou. Abree e eu nos calamos na mesma hora, surpresas em vermos a mestra Therese, a arial de

sagacidade, parada com os braços cruzados em total reprovação. Olhou para nós através do nariz comprido e pontudo, com as sobrancelhas erguidas em uma expressão repugnada por nossa aparência encharcada.

— Agem como se fossem crianças, e não mulheres prestes a ganhar seus mantos.

— Muitas desculpas, mestra Therese — murmurei, fazendo uma reverência profunda e respeitosa.

Abree me imitou, embora sua reverência tivesse sido um bocado descuidada.

— Arrumem-se imediatamente, antes que a madame as veja.

Abree e eu tropeçamos uma na outra em nossa pressa de nos afastarmos. Saímos cambaleando pelo corredor até o saguão, e seguimos em direção à escada.

— *Aquilo* é um demônio de carne e osso — sussurrou Abree alto demais, enquanto corria escada acima.

— Abree! — eu a repreendi, e tropecei na barra da saia no momento em que ouvi Cartier atrás de mim.

— Brienna?

Aparei minha queda na balaustrada. Com o equilíbrio recuperado, virei-me sobre o degrau para que pudesse olhar para ele. Estava no saguão, com a túnica branca impecavelmente amarrada por um cinto, e a calça cinza era quase do mesmo tom do meu vestido. Prendia o manto da paixão no pescoço, preparando-se para sair em meio à chuva.

— Mestre?

— Presumo que irá querer outra aula particular na segunda-feira, depois da nossa aula matinal com Ciri.

Ele elevou o olhar até mim, esperando a resposta que sabia que eu daria.

Senti meus dedos escorregando pelo corrimão. Meu cabelo estava incomumente solto, caindo ao meu redor em selvagens mechas castanhas, e meu vestido estava encharcado, com a barra pingando uma canção diminuta sobre o mármore. Sabia que devia parecer totalmente desarrumada aos olhos dele, e que não devia me parecer com uma mulher valeniana prestes a alcançar sua

paixão; que não devia ter a aparência da figura acadêmica que ele estava tentando moldar. Contudo, ergui o queixo e o respondi:

— Sim, obrigada, mestre Cartier.

— É possível que não haja carta alguma para distraí-la da próxima vez? — perguntou, e meus olhos se arregalaram enquanto continuavam o encarando, tentando ler para além da compostura firme de seu rosto.

Ele poderia me punir por entregar as cartas de Francis e Sibylle. Poderia me disciplinar, porque violei uma regra. Assim, esperei para ver o que exigiria de mim.

Foi então que o canto esquerdo dos lábios dele se mexeu, em um movimento sutil demais para ser considerado um sorriso genuíno, embora eu gostasse de imaginar que podia ter sido um, enquanto ele fazia uma reverência de despedida. Observei-o enquanto atravessava as portas e desaparecia em meio à tempestade, perguntando-me se ele estaria sendo misericordioso ou brincalhão, desejando que ele ficasse, e sentindo-me aliviada por ele ter partido.

Continuei subindo a escada, deixando um rastro de chuva para trás, e me perguntei... me perguntei como Cartier sempre parecia me fazer querer duas coisas conflitantes ao mesmo tempo.